



“Aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles”

Lc 24, 15

Igreja: caminho de comunhão para a missão

Mensagem de abertura da etapa diocesana do Sínodo

Chegamos a terceira sessão do nosso Primeiro Sínodo Arquidiocesano, com a Etapa diocesana. Antes de iniciar os trabalhos desta importantíssima Sessão sinodal, surge em todos nós um desejo de emitir sobre as fases anteriores um juízo e de fazer um balanço. E assim, enquanto nos recolhemos em nós mesmos, diante de Cristo que perscruta os corações, para procedermos juntos a esta caminhada diocesana, não podemos deixar de ver-nos invadidos por um sentimento de sincera satisfação e otimismo realista. Encontramos nas paróquias e setores de Pastoral, um lugar para um diálogo fecundo, uma escuta atenta e participação responsável entre os representantes das comunidades e Setores acerca de questões tão vitais para a nossa ação evangelizadora; intercâmbio de ideias aliás conduzido num clima tão fraterno, simples e autêntico. O processo sinodal vivido até o momento demonstrou que as nossas lideranças desejam aprofundar o conhecimento dos problemas, do conteúdo e dos aspectos das várias questões, e se sentem por isso à altura de responder à sua missão, com amor, humildade e sentido das próprias limitações, mas também com profundas consciências das próprias responsabilidades. Ao entrarmos nesta terceira fase sinodal novamente queremos ouvir a voz das paróquias e dos Setores, avaliar melhor as situações, descobrir os elementos importantes para a evangelização, e estudar as características e as modalidades que a evangelização deve assumir para o homem do nosso tempo.

Nesta primeira sessão sinodal da etapa diocesana a proposta é discutirmos sobre “Igreja” e “caminho”, os dois primeiros tópicos do nosso tema geral. Assim, podemos nos questionar: O que o Espírito Santo está dizendo **hoje** à Igreja de Deus que está na Arquidiocese de Pouso Alegre?

Igreja

Que Igreja queremos? Que Igreja sonhamos? Com que Igreja nos comprometemos? Que tipo de Igreja Deus nos chama a ser?

A vida da Igreja não para! Temos que viver como verdadeiros discípulos, de sair, ir e ensinar, com a força do Espírito Santo. A Igreja não pode esquecer que ficou incumbida de anunciar a todos os povos, sempre com o tal novo vigor, novo entusiasmo, nova linguagem, novas formas de ação, com criatividade, humildade, alegria, em sinodalidade. As etapas vivenciadas do nosso primeiro Sínodo sinalizam que a Igreja particular de Pouso Alegre deve se tornar numa Igreja que acompanha as pessoas, caminha com as pessoas, que honra a vocação de todos os batizados, onde a sinodalidade está inserida. Uma Igreja construída e sustentada na base de uma sólida espiritualidade de comunhão; uma Igreja enquanto sinal do Reino de Deus, que se encarna, realiza-se e se torna acessível. Uma “Igreja em saída”, que rejeite a divisão entre crentes e não crentes, que olhe para a humanidade e lhe ofereça mais do que uma doutrina ou estratégia, uma experiência de salvação, que atenda ao grito da humanidade e da natureza.

Para o apóstolo Paulo, a Igreja não é uma soma de comunidades, mas comunidades em comunhão (cf. Rm 12,4-5). O fundamento da unidade da Igreja está na Santíssima Trindade. Nada pode ferir a comunhão na Igreja particular ou dela com a Igreja universal. A comunhão se realiza em assuntos de fé (doutrina), liturgia e moral. Também na missão pastoral é indispensável o senso de unidade para não prejudicar a comunhão

(cf. Instrumentum Laboris das DGAE, n. 56-59). Na primeira carta de João se vê a consciência de que a comunhão entre os discípulos de Cristo e com Deus é a finalidade explícita do anúncio evangélico. “Isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa.” (1Jo 1,3-4). O Papa Francisco afirma: “A palavra comunhão não se expressa com maiorias ou minorias, mas nasce essencialmente da relação com Cristo” (Papa Francisco). Jamais teremos um estilo evangélico nas nossas comunidades e ambientes, se não colocarmos Cristo no centro; e não este partido ou aquele, esta opinião ou aquela outra, mas Cristo no centro.

Caminho

Partindo do texto bíblico inspirador do Sínodo, Lucas 24, 13-35, os “discípulos de Emaús. “Se a pessoa que está sentada ao seu lado, se lhe perguntasse: “para onde vai?” – você está indo a Emaús ou voltando para a Jerusalém? – O que você responderia? Você está na estrada que leva a Emaús, ou você está na estrada de quem volta para Jerusalém? Claro que não dá para responder de imediato, porque isso questiona nosso modo de viver e o caminho onde colocamos nossa vida. Muitos cristãos, infelizmente, não estão nem num nem noutro caminho porque vivem a fé de modo apático, sem nenhum compromisso de vida, sem que a fé tenha algum eco na vida cotidiana. Um antigo romance, que se tornou filme, faz uma leitura semelhante de um encontro de Pedro com Jesus. A Igreja de Roma passava por uma crise e Pedro estava confuso, com medo e sem saber o que fazer. Por isso, resolveu fugir. No meio do caminho, apareceu Jesus e perguntou: “Quo Vadis?” – Para onde vais? O romance diz que Jesus mandou Pedro voltar a Roma para ali continuar seu apostolado. Cristão não foge. A mensagem é simples e clara: cristão não foge da comunidade. (*texto sem nome de autor, extraído de apostila sobre a experiência de Emaús*).

O desafio da Igreja exige não apenas pôr-se a caminho, mas caminhar junto, com a consciência de quem sabe por que se deve pôr-se a caminho e tem claro qual é a meta. Pôr-se a caminho é uma escolha forte, decisiva e definitiva. “Partir é morrer um pouco”, diz um ditado, que também se tornou o título de um livro e letra de uma música (fado). O Concílio Vaticano II retomou o paralelismo com Israel no deserto para descrever a Igreja como o Povo de Deus a caminho. Vamos ouvir a passagem: “Assim como Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, é já chamado Igreja de Deus (cf Ne. 13,1; Nm 20,4; Dt 23,1ss), assim o novo Israel, que ainda caminha no tempo presente e se dirige para a futura e perene cidade (cf Hb 13,14), se chama também Igreja de Cristo (cf. Mt 16,18), pois que Ele a adquiriu com o Seu próprio sangue (cf. At 20,28), encheu-a com o seu Espírito e dotou-a dos meios convenientes para a unidade visível e social. Aos que se voltam com fé para Cristo, autor de salvação e princípio de unidade e de paz, Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um sacramento visível desta unidade salutar. Destinada a estender-se a todas as regiões, ela entra na história dos homens, ao mesmo tempo que transcende os tempos e as fronteiras dos povos. Caminhando por meio de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a ação do Espírito Santo, não cesse de se renovar até, pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso” (LG 9). Nesta descrição, já podemos vislumbrar a Igreja sinodal: Povo de Deus a caminho do Reino. Se tentarmos pensar nesses termos sobre a vida da Igreja, fica claro para nós que o “caminhar juntos” será verdadeiro sob a condição de uma escuta dócil do Espírito Santo.

Nesta sessão sinodal que sejamos sustentados pelo que a Sacrosanctum Concilium diz sobre a Igreja, que é “sacramento da unidade”, isto é, povo santo reunido e orientado pelos Bispos (SC 26). Que o Espírito Santo no guie nesta sessão sinodal, e a Virgem Maria, “esposa do Espírito Santo”, nos auxilie a testemunhar os caminhos de Deus, expresso no seu canto do Magnificat.

+ José Luiz Majella Delgado, C.Ss.R.
Arcebispo metropolitano de Pouso Alegre
Pouso Alegre, 27 de abril de 2024